

Amadeo de Souza-Cardoso: a força da pintura

RENATO EPIFÂNIO*

Decerto, uma das grandes questões que se levantam na apreciação de qualquer obra de arte é a inevitável dessintonia entre o olhar do seu criador e de quem aprecia a obra. Como se refere no livro de Luís de Barreiros Tavares, *Amadeo de Souza-Cardoso: a força da pintura*, citando-se Paul Klee:

Será que um quadro nasce de um gesto único? Não, constrói-se peça por peça, tal como uma casa. E o observador consegue apreender o quadro com um único olhar? (Muitas vezes sim, infelizmente.)¹

No caso da obra plástica de Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), essa dificuldade parece aumentar, desde logo pela própria posição do criador, auto-proclamadamente fora de qualquer escola ou corrente que pudesse, de alguma forma, orientar o nosso olhar:

Eu não sigo escola alguma. As escolas morreram. Nós, os novos, só procuramos a originalidade. Sou impressionista, cubista, futurista, abstraccionista? De tudo um pouco. Mas nada disso forma uma escola.²

Se há, porém, algo que transparece na sua obra é a força de um carácter, de um temperamento – como igualmente se refere neste livro, dando-se voz ao próprio Amadeo:

Ninguém deixa de fazer uma obra de arte intensa por falta de técnica mas por falta de outra coisa a que se chama temperamento. Enfim, para mim os tais artistas de técnica acabaram.³

* Instituto de Filosofia, Universidade do Porto.

1 L.B. TAVARES, *Amadeo de Souza-Cardoso: a força da pintura*, Edição MIL: Movimento Internacional Lusófono, Lisboa 2017, p. 71.

2 *Ibidem*, p. 40.

3 *Ibidem*, p. 68.

Amadeo parecia estar em guerra permanente com o mundo – no livro, alguém refere mesmo que ele se havia preparado para uma certa exposição «como quem se prepara para a guerra»⁴. Daí, também, a alusão a uma permanente insatisfação: «Permanentemente insatisfeito; insatisfeito entre Manhufe e Paris [...]; só está bem onde não está»⁵.

Esse assumido desprezo pelos “artistas da técnica” tê-lo-á levado a adoptar, pelo menos nalguns casos, uma «técnica propositadamente rude e tosca»⁶, como escreveu o autor deste muito interessante livro, Luís de Barreiros Tavares. Poder-se-á, a este respeito, estabelecer uma ponte entre Amadeo de Souza-Cardoso e o seu conterrâneo Teixeira de Pascoaes (1887-1952), pelo menos na visão do seu mais insigne hermenêuta – falamos de José Marinho (1904-1975) –, bem expressa no livro postumamente publicado *Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade*⁷.

Nesta sua obra, com efeito, José Marinho valorizou a poesia de Teixeira de Pascoaes por ser «autenticamente original» – como ressaltou, «no sentido mais puro, como Leonardo Coimbra assinalou: original porque vem da origem»⁸ –, não por ser “artista”. Muito pelo contrário – chegou a qualificá-la como «a poesia menos ‘artista’, a menos latina e ladina, a menos francesa»⁹. Algo que, de resto, já havia acontecido em relação a outro grande poeta: Guerra Junqueiro (1850-1923), igualmente por José Marinho considerado como «original» e «pouco, ou nada, artista»¹⁰. Em suma, na arte como na vida, o que mais importa é a força do carácter, do temperamento.

4 *Ibidem*, p. 57.

5 *Ibidem*, p. 29.

6 *Ibidem*, p. 56.

7 J. MARINHO, *Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade*, Obras de José Marinho, vol. VI, INCM, Lisboa 2005.

8 *Ibidem*, p. 243; cf., igualmente, pp. 289 e 398.

9 *Ibidem*, p. 249.

10 J. MARINHO, *Nova interpretação do Sebastianismo e outros textos*, Obras de José Marinho, vol. V, INCM, Lisboa 2003, p. 558.

